



EUCLIDES DA CUNHA E OS ELEMENTOS DE UM PENSAMENTO GEOGRÁFICO NO BRASIL (SÉCULO XIX)

Alyne Karolayne Melquiades Souza da Silva¹

Noême Martins de Araújo²

Amanda Teotonio da Silva³

Hugo Arruda de Morais⁴

RESUMO

Com o objetivo de discutir elementos presentes no discurso de Euclides da Cunha que possibilitaram a constituição de um pensamento geográfico no Brasil, o presente artigo retoma uma questão fundamental para a reflexão sobre a importância de escritos “não-geográficos” dos séculos XIX e XX para a compreensão do pensamento geográfico no Brasil. A consulta, análise e reflexão de obras como *Os Sertões* e *À Margem da História* constituiu o caminho metodológico escolhido para reconstruir a visão sobre a formação histórica e geográfica da nação. A conclusão geral à qual se chegou traduz-se, principalmente, na ideia de que Euclides da Cunha não somente estabeleceu uma definição do que seria o Brasil, mas também, apresentou uma interpretação das disparidades territoriais.

Palavras-chave: Euclides da Cunha; Saber Geográfico; Território do Brasil.

INTRODUÇÃO

O século XIX caracterizou-se através do processo de formação e expansão da ciência brasileira. Isso porque, com a Chegada da Família Real (1808), houve a necessidade de fomentar uma produção de conhecimento de base nacional. Atrelado a isso, entende-se que o período oitocentista trouxe consigo o florescimento de um forte sentimento patriótico que visava a consolidação da soberania do Estado-Nação brasileiro.

À vista disso, compreende-se que tais elementos forneceram as marcas de um período (Carvalho, 2012), desencadeando a amplificação de debates de cunho cientificista, que perpassavam temáticas como a modernização do país e a sua configuração enquanto jovem nação. Desse modo, ao trilharem o percurso do autoconhecimento sob uma perspectiva

¹ Mestranda da Universidade Federal do Rio Grande do Norte — UFRN, alykarolayne@gmail.com;

² Mestranda da Universidade Federal do Rio Grande do Norte — UFRN, noemimartins_lv@hotmail.com;

³ Mestra pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte — UFRN, amandatt73@gmail.com;

⁴ Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e professor do Programa de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (PPGe) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, hugo.geografia@yahoo.com.br.

naturalista, direcionaram o seu olhar e foco de análise aos aspectos de território, natureza e raça.

Mediante tais questões, observa-se nesse cenário de ausência de ciências humanas e sociais institucionalizadas, o emergir em vários intelectuais e pensamentos que logravam uma perspectiva missionária de elaborar uma concepção sobre o Brasil, tendo como caminho reflexivo o entendimento da formação territorial e societária. Orientados por um por um conjunto de teorias provenientes do iluminismo e o cientificismo europeu, tais escritores pertencentes a literatura nacional, possibilitaram a efetivação de caminhos interpretativos por meio de uma dimensão espacial, dando toques de uma tropicalidade ao pensamento.

Nessa tessitura, estabeleciam em suas obras uma fronteira tênue entre ciência e arte. Uma vez que o sentimento ufanista de narrar os desdobramentos que envolviam seu povo e a natureza tropical se atrelavam a lógica científica. Esse acúmulo de experiências deu origem a um conjunto de linhagens interpretativas que flutuavam entre as formas de organização do país, a democracia racial, a instância governamental, o colonialismo e o imperialismo, além das análises sobre as dinâmicas de poder que nesse território eram difundidas.

Ao longo dessa trajetória, observamos que Euclides da Cunha se apresenta como desses intérpretes que buscaram compreender a nação por meio do espaço. Tendo em vista, que o escritor foi capaz de construir uma narrativa literária e científica ao apontar os processos da formação histórico-territorial do país por intermédio de concepções teóricas externas. Por isso, em seus escritos, observa-se um forte diálogo e união entre o romantismo e o idealismo do século XIX, e entre o cientificismo e o materialismo do século XX, possibilitando uma concepção do arranjo territorial do Brasil e a constituição de um pensamento geográfico.

Substancialmente, nos escritos “Os Sertões”, publicado em 1902 [2017], e “À Margem da História”, texto póstumo lançado sete anos após o primeiro, em 1909 [2021], observamos trabalhos de com grande capacidade de articulação da razão, imaginação e realidade, permitindo que a união entre real e fictício, material e imaterial, a ciência e a arte.

A partir disso, configuraram-se como textos em que os alicerces que revelavam um saber geográfico importantíssimo para se pensar o Brasil, por meio de uma representação geográfica. Já que ao representar a jovem pátria, as metáforas, os símbolos e relação entre imaginário e real permitiram apontar os caminhos da dinâmica da relação entre sociedade, natureza e território.

O presente artigo, portanto, possui como objetivo central discutir elementos presentes no discurso de Euclides da Cunha que possibilitaram a constituição de um pensamento

geográfico no Brasil. Dentre as justificativas para a escolha desta temática, apontamos a pertinência de que a questão espacial no país não se fundamentou somente no meio acadêmico, mas dentro de um processo de edificação das interpretações da formação do território nacional.

Estruturamos este escrito de modo a: apontar, primeiramente, a perspectiva analítico-reflexiva, em que medida a leitura da obra de Euclides foi abordada (primeira seção); tratar, em seguida, do autor e da indissociabilidade entre subjetividade e racionalidade na linguagem euclidiana (segunda seção); da interpretação histórico-territorial do Brasil nos textos de Os Sertões e À Margem da História (terceira seção); e as considerações finais (quinta e última seção).

O MÉTODO DE ABORDAGEM

O método de abordagem foi construído com o suporte teórico na tentativa de demonstrar de modo mais explícito em que medida a obra euclidiana permitiu uma leitura de nação que perpassava uma dimensão espacial. Acrescenta-se, ao mesmo tempo, que o escrito ancora-se na perspectiva de que a construção de um pensamento geográfico perpassa uma forma de conhecimento que não fica restrito ao campo do conhecimento científico, somando-se a outros saberes, dentre eles, a literatura, principalmente, no século XIX e início do XX.

Desse modo, no âmbito de interpretações do processo histórico-territorial de formação do Brasil, a obra euclidiana apresenta caminhos interpretativos para essa dimensão espacial, considerando que o saber geográfico é um produto social, uma vez que ele é produzido a partir da relação entre o homem e o meio. Sendo assim, cada sociedade inserida em seu contexto histórico possui um modo de interagir e interpretar a sua realidade (Moraes, 2005). Tal sapiência pode ser expressa através de diversos eixos como o jornalismo, a ensaística, e, principalmente, a literatura.

Ainda, segundo Moraes (2005), tais práticas podem ser intituladas enquanto discurso geográfico, sendo esse caracterizado como:

No sentido mais amplo do termo discursos referidos ao espaço terrestre – variam por lugar, variam por sociedade, mas principalmente pela época em que foram gerados. São construções engendradas dentro de mentalidades vigentes, isto é, dentro de formas de pensar historicamente determinadas, com epistemés próprias que conformam não apenas os paradigmas da reflexão, mas a própria sensibilidade humana (Moraes, 2005, p.23; grifo dos autores).

Nesse caminho, pode-se compreendê-los como “um acervo histórico e socialmente produzido, uma fatia da substância da formação cultural de um povo” (Moraes, 2005, p.32). Tal posicionamento aqui se faz relevante, uma vez que essas apreensões configuram leituras do espaço capazes de gerar compreensões coletivas a respeito de uma nação.

Por isso, salienta Andrade (2007; 2008), o pensamento geográfico, através dessa modalidade, se apropria de diversas formas de sapiência que ligam explicações dos fenômenos físicos/naturais aos sociais/humanos, numa possibilidade de expressar uma leitura/visão da realidade material e simbólica de mundo.

Essas características fornecem a construção literária brasileira do período citado a possibilidade de criar e modelar imagens sobre o território e o povo, facultando-o a singularidade de formular uma soberania governamental. Daí porque, pode ser delimitado enquanto um elemento com forte ligação com a afirmação das identidades nacionais, capaz de delimitar um retrato da realidade territorial em dimensão e de representação.

Partindo dessa premissa, apreendemos que a retórica geográfica legitimou a percepção a realidade vivenciada pela elite intelectual brasileira e sua perspectiva acerca da sociedade no espaço. Portanto, os discursos referentes ao espaço produzidos pelos intelectuais dos oitocentos construíram um fortuito arcabouço teórico que nos possibilita apreender a existência de uma Geografia anterior ao seu momento de institucionalização.

Com isso, o imaginário que envolvia os argumentos da população, da natureza e do território norteavam essa narrativa sobre o país, pautada no espaço, na tentativa de contribuir para “[...] uma pedagogia na consciência nacional” (Souza, 1997, p. 24) por intermédio de uma literatura “extrageográfica” propiciada pelas condições contextuais do século XIX.

Nesse sentido, e com vistas à operacionalização da referida abordagem, visando à concretização do objetivo do presente escrito, utilizou-se dos seguintes procedimentos metodológicos: levantamento bibliográfico acerca da temática ora tratada, por meio da leitura de autores e do resgate de ideias julgadas como relevantes e adequadas para a análise e compreensão do tema em epígrafe; a interpretação das obras *Os Sertões* e *À Margem da História*, objetivando observar os elementos que compõe a sua linguagem que está dentro de uma linha tênue entre subjetividade e racionalidade; uma interpretação da forma como Euclides da Cunha fez a interpretação histórico-territorial do Brasil. Também, utilizamo-nos da técnica de superposição de mapas como forma de representar como o autor fez uma leitura de um país dividido entre opostos, tanto em termos físicos, quanto sociais e econômicos.

Nessa perspectiva, acredita-se que se conseguiu demonstrar, de modo mais explícito, em que medida a interpretação da racionalização e da emoção em *Os Sertões* e em *À Margem*

da História permite reconstruir a visão do autor sobre a formação histórica e geográfica da nação.

SUBJETIVIDADE E RACIONALIDADE: AS MARCAS DE UM TEMPO NA LINGUAGEM E NA OBRA EUCLIDIANA

Os textos *Os Sertões* e *À Margem da História* condensam bem as marcas desse quadro histórico brasileiro, principalmente, por apresentar uma linguagem que era um consórcio entre o artístico/ficcional e científico/racional. A ciência e a arte unidas, assim, formavam um saber que, em Euclides, ganharam notoriedade e permitiam a transição dos movimentos do acontecer político e social que incidiam sob recortes territórios do Brasil.

Nesse caminho, o escritor brasileiro constrói a sua perspectiva de leitura da realidade que permeava a razão emocionada e que estava dentro de um jogo entre ideias, linguagens, fatos históricos e reais. O próprio deixa bem claro tal posição, em correspondência ao amigo José Veríssimo, ao afirmar que estava “convencido que a verdadeira impressão artística exige, fundamentalmente, a noção científica do caso que a desperta” (Cunha, 1902).

Por isso, a partir de uma concepção científica de evolução da história da nacionalidade, tendo por base os “princípios evolutivos do desenvolvimento humano”, cruzando-os com a “ideologia racial pessimista do sociólogo galego-austriaco Ludwig Gumplowich” (Amory, 2009, p. 167), Euclides trazia uma dimensão científica para narrar os fenômenos sociais e naturais:

[...] Euclides da Cunha procedia a uma rigorosa seleção dentre os fatos reais, só elegendo para compor os seus textos aqueles que condensassem em si uma grande potencialidade como fenômenos sociais ou naturais (Sevcenko, 2003, p. 160).

Porém, ao mesmo tempo, e de forma indissociável, o escritor apresentava uma condição de imaginação e fantasia ao descrever as imagens da realidade territorial brasileira. Por isso, o autor, ao pensar o Brasil, foi capaz de traçar uma teoria interpretativa a partir de símbolos e representações, que vistos de modo isolado, podem parecer sem sentido ou com uma lógica incapaz de mostrar o que era a nação naquele período histórico.

Nesse sentido, e dentro de uma visão dicotômica, ele trouxe em seus textos uma concepção de território entre sertão e litoral, sertão e selva, norte e sul, atraso e modernidade. Essa posição, e forma de olhar a ocupação humana no espaço geográfico, vai tecendo uma imagem de um país profundo e híbrido, existente, inventado e, em certa medida, desconhecido. Uma nação que tinha grandes diversidades e que precisaria ser integrada não só

Com efeito, e nas duas obras supramencionadas, Euclides se coloca como um escritor que mostrava aos brasileiros a sua realidade histórica e geográfica. Por exemplo, em *Os Sertões*, redigido com base nas suas anotações de campo realizadas na expedição de Canudos (BA), ele assume o papel “advogado dos pobres sertanejos assassinados por uma sociedade pulha, covarde e sanguinária” (Cunha, 2017).

Já sobre o homem amazônico, centralidade do livro *À Margem da História*, o escritor traz uma clara preocupação com a integração de parcela da população da selva amazônica dentro do processo de acontecer histórico e territorial do Brasil. Em sua entrevista ao *Jornal do Commercio*, no ano de 1906, o escritor deixa claro essa posição sobre aquela parcela da sociedade brasileira:

Escuso-me de os apresentar. Seja como for, põe-se de manifesto a urgência de medidas que salvem a sociedade obscura e abandonada: uma lei do trabalho que nobilite o esforço do homem; uma justiça austera que lhe cerceie os desmandos; e uma forma qualquer do homestead que o consorcie à terra.

— Aí está uma bela tese para um livro...

— Que farei, talvez, se mo permitir a engenharia errante e torturada... (Cunha, 1906, s/n).

Tal posicionamento do autor, coloca-o dentre aqueles que denunciavam as injustiças presentes no quadro socioterritorial brasileiro. Ao mesmo tempo, e dentro de sua grande capacidade de descrição de realidade com teor imaginativo, Euclides criou imagens sobre o território e o povo, colocando-os no contexto de debate ideológico sobre a nação, por meio de representações geográficas e que refletiam a formação histórico-territorial.

Por essa razão, o literato põe em debate a possibilidade da existência de um país “mal-formado, talvez in-formado ou de-formado” (Facioli, 2008, p.122), retratando um território e suas territorialidades dentro de “[...] disparidades [que] convivem sem se resolverem, implicando um país de polos e diferenças não-conciliáveis” (Facioli, 2008, p.122). Com isso, o embate de Canudos esboçou uma nação “dividida em vitoriosos e vencidos” (Cunha, 2017, p.289). Já as descrições do homem da selva, mostrava o sujeito não alcançado pela história e separado da pátria.

Nessa perspectiva, Euclides apresentou em seus textos, temáticas latentes e que caminhavam entre o científico e literário, quase como um híbrido ao escrever. A este respeito, Sevcenko (2003) é enfático quando afirma que “Euclides da Cunha forjou um estilo elevado híbrido, subordinado sobretudo a um novo critério científico, mas conservando algo de seu conteúdo social anterior” (Sevcenko, 2003, p. 160).

Nesse caminho, em *Os Sertões* e *À Margem da História*, há um relato da região

serfaneja a selva amazônica por meio de uma ótica metafórica, relevadora e enérgica de um poeta. Mas, também, e de forma indissociável, há descrições de um sujeito que se posicionava como um homem das letras e apegado a estrutura textual altamente elaborada e rebuscada.

Com isso, percebe-se em ambos os livros citados a presença de uma narrativa que visava combinar estéticas e estilos ao longo de sua construção. Dessa forma, o aspecto literário tem como função preencher os hiatos não presenciados pelo autor⁵, e o científico traz a face objetiva e factual da obra. Nesse cenário, nos dois escritos, há uma “discrepância entre as realizações artísticas e a precisão científica” (Bernucci, 1998, p. 6) que não invalida as obras, mas que ampliam a sua importância ao mostrar como o uso da linguagem científica e literária é capaz de retratar a realidade territorial.

Por isso, para Amory (2009), há na obra de Euclides um “Léxico mental”, ou seja, uma linguagem literária difícil e com forte senso científico, uma vez que o autor ficou muito preso à sintaxe, ou seja, à construção das estruturas das frases. Configurando-se, portanto, enquanto uma linguagem que é um misto contraditório entre “século XIX literário, romântico e idealista; e o século XX, científico, naturalista e materialista” (Sevcenko, 2003, p. 159). Isso mostra que, apesar de sua vertente científicista, o autor também buscou narrar o evento através de uma ótica poética e de prosa (Bernucci, 1998) e isso permitiu a construção de uma ideia de Brasil, por meio de imagens do território, sociedade e da natureza.

Nessa direção, segundo Bernucci (1998), observa-se um constante entrelaçar, entre homem das letras e da ciência, daí a sua originalidade:

Por esta razão, Euclides pode ser considerado um escritor original que, em princípio, gostava de narrar pelo simples fato de narrar, logrando assim o efeito estético desejado que iria auxiliá-lo na explicação dos fenômenos históricos e científicos. Mas o homem das ciências predomina ao longo do livro (Bernucci, 1998, p. 7).

Tais atributos concedem à obra um perfil histórico-ficcional com noções de ficcionalidade e literariedade (Bernucci, 1998). Onde, a ficção exerce um fator de compreensão a partir das convenções do uso da linguagem, tornando-nos capazes de estabelecer a veracidade do discurso. Já a literariedade, nos condiciona a distinguir o discurso em sua vertente literária ou não literária.

Por essa razão, Euclides tem uma tendência ao exagero e a intensificação dos detalhes e características do meio e do povo. Com isso, ele elabora uma imagem de Brasil e mostra as

⁵ Se faz válido ressaltar que Euclides recorreu a produções científicas e monografias para construir seu arcabouço teórico anterior a viagem, isso porque o autor passou um diminuto tempo em ambas as localidades, além de ter sido atingido por inúmeras moléstias em ambas as suas expedições. Nesse caminho, visando complementar sua visão, o escritor recorreu a utilização de uma literariedade fundamentadas em um certo preparo científico para registrar suas considerações (Amory, 2009).

marcas da ocupação humana no espaço geográfico de forma real e imaginária, relatando o que vê como cientista e como poeta. Não por acaso, o autor expõe em sua escrita uma série de elementos textuais como paradoxos e antinomias (Facioli, 2008), o que permite uma visão do brasileiro como um “tipo abstrato”, resultado de um “entrelaçamento consideravelmente complexo” (Cunha, 2017, p.95), de um processo histórico e climático que marca o quadro do Sertão nordestino e da Selva Amazônica.

Diante disso, afirma-se que Os Sertões não se apresenta enquanto uma obra apenas literária ou ficcional, mas sim um estudo com características e elementos de ambas as condições. Bernucci (1998) ressalta que:

Ao perseguir a verdade, palavra de difícil definição para o historiador, Euclides teve, muitas vezes e com alguma ousadia, que adivinhar e argumentar, principalmente por saber pouco sobre a geologia e a botânica do sertão baiano e porque apenas tinha passado uns dias em Canudos. Não deixa de haver uma certa dose de ironia nesta busca de uma precisão científica descrita por uma linguagem prenhe de riqueza criativa e tonalidades, essa mesma linguagem que os poetas apaixonadamente gostam de explorar e que os cientistas procuram evitar. Por esta razão, Euclides pode ser considerado um escritor original que, em princípio, gostava de narrar pelo simples fato de narrar, logrando assim o efeito estético desejado que iria auxiliá-lo na explicação dos fenômenos históricos e científicos. Mas o homem das ciências predomina ao longo do livro. (Bernucci, 1998, p. 07).

Já no livro À Margem da História, percebe-se que essas mesmas características se apresentam. Assim, confirma Roberto Ventura (1998), que Euclides:

Recorreu, em seus escritos sobre Canudos e o Purus, a uma mesma imagem: o deserto. A imagem aproxima a floresta tropical da caatinga do semi-árido, os sertões baianos dos amazônicos. Selva e sertão são vistos como desertos por seu isolamento geográfico e povoamento rarefeito, e, sobretudo, por serem territórios ainda não explorados pela ciência, que os viajantes evitavam e que os cartógrafos excluíam de seus mapas. (Ventura, 1998, p.3)

Desse modo, enxerga-se que em ambas as obras, tanto em Os Sertões quanto em À margem da História, a narrativa do escritor segue um caminho lógico, uma vez que ao aborda a ideia de Brasil, o autor se utiliza da recorrente imagem de insulamento e afastamento geográfico de territórios pouco explorados e passíveis de construção. Isso porque, tais áreas desassociadas do território brasileiro, expunham a dicotomia e a desigualdade de nossa formação histórico e territorial.

Sendo assim, entende-se que esse idealizar do território é uma forma de demonstrar, por meio de uma literariedade e da ciência, a visão de um território “vazio”, ou seja, a perspectiva de um local onde a civilização, o poder estatal e a sociedade litorânea, ainda não alcançou.

Portanto, um olhar atento a linguagem na obra euclidiana abre caminho para compreensão não só das características da natureza tropical e da população do sertão baiano e

da região do Alto Purus. Mas, também, é possível perceber o processo de uso e ocupação da terra, além, das desigualdades e das injustiças que marcavam o território e a sociedade brasileira no final do século XIX e início do XX.

EUCLIDES DA CUNHA E AS INTERPRETAÇÕES DA FORMAÇÃO HISTÓRICO-TERRITORIAL DO BRASIL: ELEMENTOS DE UM PENSAMENTO GEOGRÁFICO

Diante do acima exposto, compreende-se que Euclides da Cunha se constituiu como um escritor que, como sua geração se propunha a ser, buscou nos conhecimentos teóricos materiais uma forma de compreender a sua nação. Ao mesmo tempo, utilizou de aspectos literários para transmitir as ideais e os caminhos seguidos na constituição da civilização e da pátria. Portanto, Euclides consegue construir representações geográficas da formação histórico-territorial do Brasil, resultando em escritos em que o espaço nacional se apresentava com grandes diversidades e desigualdades.

Com esse entendimento, o território, a natureza e a sociedade, encontravam-se, tanto n'Os Sertões como n'À Marguem da História, dentro de um enlace de situações reais e passaram a ser retratados ou representados de forma artística. De suas reflexões e descrições, expôs o passado e toda a dinâmica territorial do sertão e selva amazônica, apontando caminhos ao captar a essência da relação do homem e do meio, valorizando, inclusive, a paisagem tropical e as formas de territorialidades do sertanejo e do homem da Amazônia.

Diante de tal ideia, ter-se-á condições de apresentar a forma como Euclides observava a formação histórico-territorial do Brasil. Aqui não são colocações que se apresentam como uma etapa de um procedimento metodológico de classificação das áreas do Brasil, e que estão sistematizados em seus escritos, antes, é uma tentativa de esforço em mostrar a forma como escritor brasileiro olhava para as desigualdades de nossa formação⁶.

⁶ Não é o momento de tratar, pormenorizadamente, este caminho de tentativa de mapear o Brasil conforme Euclides da Cunha; porém, é necessário ressaltar que, na busca de outros caminhos possíveis de leitura da obra, há um esforço de enfatizar que os textos do autor tem um saber geográfico caro ao pensamento da ciência geográfica no Brasil. Em ambos os livros, o literato é capaz de dialogar e expor temáticas que perpassam as desigualdades sociais, a existência de trabalho semi-escravo, através das figuras dos vaqueiros e dos seringueiros, a presença do poder estatal nas áreas mais limítrofes, assim como a organização espacial do país naquele contexto do final do século XIX e início do XX. Dessa forma, entende-se que o cenário que se é exposto fornece caminhos para compreender elementos ainda presentes na realidade atual, assim como os fundamentais de um pensamento geográfico de base nacional.

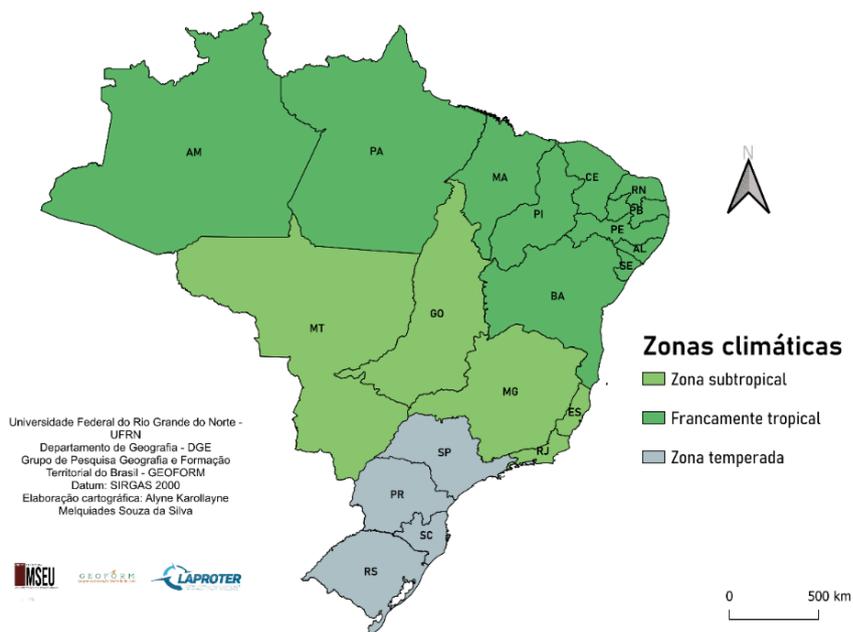


Desse modo, em um primeiro momento, já em sua grande obra, Os Sertões, ele aborda o território nacional a partir de um conjunto de condições físicas, dividindo assim em “três habitat distintos” (Cunha, 2017, p.97), conforme passagem abaixo:

Um clima é como que a tradução fisiológica de uma condição geográfica. E definindo-o deste modo concluímos que nosso país, pela sua própria estrutura, se impropria a um regime uniforme. Demonstram-no os resultados mais recentes, e são os únicos dignos de fé, das indagações meteorológicas. Estas o subdividem em três zonas claramente distintas: a francamente tropical, que se expande pelos estados do norte até o sul da Bahia, com uma temperatura média de 26°; a temperada, de São Paulo ao Rio Grande, pelo Paraná e Santa Catarina entre as isoterma de 15° e 20°; e, como transição, a subtropical, alongando-se pelo centro e norte de alguns estados, de Minas ao Paraná. Aí estão, claras, as divisas de três habitats distintos (Cunha, 2017, p.97).

De acordo com a Figura 01, é possível observar essas zonas de habitação por intermédio da análise climática apontadas por Euclides da Cunha.

Figura 01 – Brasil – Zonas de habitação por intermédio da análise climática em Euclides da Cunha.



Fonte: Cunha, 2017; **Elaboração:** autores, 2023.

Reitera-se, então, que, para Euclides, essas três zonas são denominadas de Francamente Tropical, Zona Temperada e Zona Subtropical. Com relação a primeira, observamos ser constituída pelas províncias do Amazonas (AM), Pará (PA), Maranhão (MA), Piauí (PI), Ceará (CE), Rio Grande do Norte (RN), Paraíba do Norte (PB), Pernambuco (PE), Alagoas (AL), Sergipe (SE) e Bahia (BA). Já a Zona Temperada, tem nas províncias Santa Catharina (SC), Paraná (PR), Rio Grande do Sul (RS) e São Paulo (SP) na sua



composição. Por fim, a Zona Subtropical é composta por Minas Geraes (MG), Espírito Santo (ES), Rio de Janeiro (RJ), Goyaz (GO) e Matto Grosso (MT)⁷.

Em conjunto, estas três zonas de habitação possuem nos aspectos climáticos a condição central, projetando-se da seguinte forma:

A francamente tropical, que se expande pelos estados do norte até ao sul da Bahia, com uma temperatura média de 26°; a temperada, de São Paulo ao Rio Grande, pelo Paraná e Santa Catarina, entre as isotermas de 15° e 20°; e, como transição, a subtropical alongando-se pelo centro e norte de alguns estados, de Minas ao Paraná. (Cunha, 2017, p.97).

Salientamos que, em Euclides, essa perspectiva permitiu um caminho reflexivo e analítico para explicar o povoamento do território brasileiro. A partir dessa delimitação ambiental, o autor aborda todas as extensões do país, incluindo as áreas mais insuladas, como Mato Grosso, Goiás e as regiões mais limítrofes ao sul, como Rio Grande, Paraná e Santa Catarina.

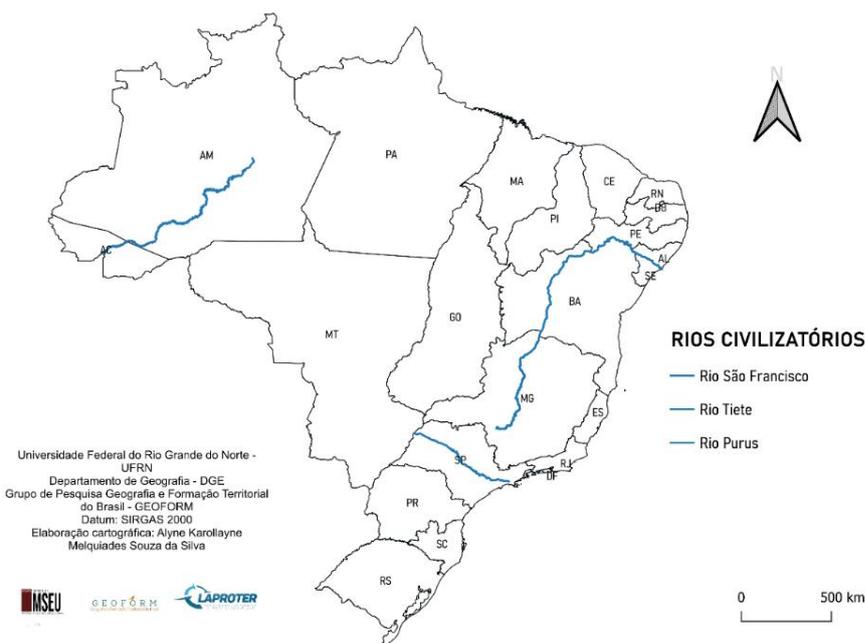
Em sua visão, essa configuração só se fez plausível devido a atuação dos rios civilizatórios, assim foi enfático:

A terra atrai o homem; chama-o para o seio fecundo; encanta-o pelo aspecto formosíssimo; arrebatá-o, afinal, irresistivelmente, na correnteza dos rios. Daí o traçado eloquentíssimo do Tietê, diretriz preponderante, nesse domínio do solo. Enquanto no São Francisco, no Parnaíba. [...] Era uma penetração em Minas, em Goiás, em Santa Catarina, no Rio grande do Sul, no Mato Grosso, no Brasil inteiro (Cunha, 2017, p.108).

A Figura 02 representa a espacialização dos rios São Francisco, Tiete e Purus e que abre caminho para análise do povoamento brasileiro.

Figura 02 – Brasil – Rios civilizatórios, segundo Euclides da Cunha

⁷ É importante destacar que o ordenamento jurídico que configurava o território do Brasil, no final do século XIX, contava com 20 distritos, além do Município Neutro (capital nacional), sendo eles: Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Goiás. Nessa perspectiva, é válido ressaltar que ao apresentar a visão de Euclides da Cunha sobre o território nacional, e que se encontra inserida no livro *Os Sertões*, e presente na figura 1, observa-se um país que não contava com o estado do Acre, este só sendo integrado ao país a partir de 1903. Já no mapeamento das figuras 2 e 3, observa-se a referida província na parte do território nacional, e que o autor aborda no livro *À Margem da História*.



Fonte: Cunha, 2017, 2021; **Elaboração:** autores, 2023.

A partir da Figura 02, nota-se que esses três corpos d'água eram os responsáveis pelo processo da ocupação humana no espaço geográfico brasileiro, refletindo um acontecer histórico e territorial que vem desde “os lineamentos mais claros da expansão colonial” (Cunha, 2017, p.108). Com isso, o arranjo espacial do Norte brasileiro organizou-se, preponderantemente, desde os seus primórdios, a partir do papel exercido pelos rios Purus e o São Francisco. Já o rio Tiete influenciou o processo de ocupação territorial do Sul.

Nessa concepção, tais rios exercem uma função da continuidade histórico-territorial da formação do Brasil, onde, em específico, o São Francisco, possibilitou que houvesse um certo processo de ligação de áreas no país, ao levar “[...] os homens do sul ao encontro dos homens do norte, o grande rio erigia-se desde o princípio com a feição de um unificador étnico, longo traço de união entre duas sociedades que não se conheciam” (Cunha, 2017, p.119).

Nesse prisma, ao longo do Rio São Francisco, se delineava os caracteres centrais de ambos os povoamentos, possuindo em sua região média “a terra clássica do regime pastoril” (Cunha, 2017, p.118), que conferia aos Sertões sua face central. Ao mesmo tempo, é esse mesmo curso d'água que se torna sede da expansão mineira e, em seu curso inferior, passa a ser o caminho das missões jesuíticas⁸. Arelado a isso, o rio Tiete estabeleceu sua relevância com profusão e sucesso das bandeiras, tendo em vista ter sido o “mais próprio à penetração colonizadora, se tornou o caminho predileto dos sertanistas” (Cunha, 2017, p.117).

⁸ Na visão do escritor, a penetração do território se deu a três fatores iniciais, as missões jesuíticas ao norte e as bandeiras mais ao sul, ambas interligadas ao fator hidrográfico. Nesse caminho, os primeiros responsáveis por penetrarem e retratarem os sertões foram os missionários ao percorrerem o São Francisco e fomentarem ao longo de seu curso a criação de pequenos povoados e aldeamentos (Cunha, 2017).



em contrapartida, o rio Purus, era um “enjeitado”, refletindo os aspectos da colonização da selva nortenha – o Amazonas. Na perspectiva do autor, era necessário “incorporá-lo ao nosso progresso, do qual ele se dera, ao cabo, um dos maiores fatores, porque é pelo seu leito desmedido em fora que se traça, nestes dias, uma das mais arrojadas linhas da nossa expansão histórica” (Cunha, 2021, p.45). Este, como reflexo puro de sua localização, era a imagem de um futuro a ser construído, uma sociedade a ser civilizada, e, acima disso, um território a ser conquistado⁹.

Portanto, entende-se que o meio e as condições hidrográficas foram um fator relevante na penetração e organização do território brasileiro, segundo a visão de Euclides da Cunha. O papel dos rios e das condições climáticas possibilitaram a visão de um arranjo espacial da nação que reforça a posição de um escritor próximo das concepções e das reflexões que eram postas em sua época¹⁰.

No entanto, se faz necessário destacar que Euclides não considerava apenas os fatores físicos para compreender a configuração territorial do Brasil. Isso se faz perceptível na medida em que, ao decorrer de *Os Sertões e À Margem da História*, os territórios e as territorialidades são constantemente colocados dentro de uma visão de Sertão-Litoral ao se referir ao Brasil. Ao mesmo tempo, a concepção de uma visão entre Norte e Sul, colocando em contraposição o desenvolvimento econômico e material das províncias de São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro como parte meridional da nação.

Com efeito, a Amazonas, Pará, Acre, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia se constituiriam como áreas que compõe a divisão setentrional e na condição de realidade socioterritoriais mais vulneráveis e atrasadas. Desse modo, o autor afirma:

Enfeudado o território, dividido pelos donatários felizes, e iniciando-se o povoamento do país com idênticos elementos, sob a mesma indiferença da metrópole, voltada ainda para as últimas miragens da “índia” portentosa, abriu-se separação radical entre o sul e o norte. Não precisamos rememorar os fatos decisivos das duas regiões. São duas histórias distintas, em que se averbam movimentos e tendências opostas. Duas sociedades em formação, alheadas por destinos rivais – uma de todo indiferente ao modo de ser da outra, ambas, entretanto, evoluindo sob

⁹ Embasado nas concepções iluministas europeias, o autor recorre constantemente a noção de progresso e de modernidade. Para ele, esse era um estágio natural a ser atingido pelos países modernos, uma vez que ao comparar a realidade nacional com a dos países europeus, entendia-se que o futuro do Brasil residia nos signos da evolução projetados por esses locais.

¹⁰ Euclides se autointitulava enquanto um homem de ciência, partilhando assim das concepções que advinham de modelos teóricos de sua época. Tal característica de seu pensamento fica clara em suas cartas, em específico a enviada a Araripe Jr. Em uma delas, Euclides confirma ser “um discípulo de Gumplowicz, aparadas todas as arestas duras daquele ferocíssimo gênio saxônico.” (CUNHA, 1903, s/n). Desse modo, entende-se que o autor encontrava em elementos pertencentes ao “Darwinismo social, o Determinismo de Taine, o Evolucionismo de Spencer, o Positivismo de Comte e Littré” (DIAS, 2017, p.136), fundamentos para redigir suas considerações.

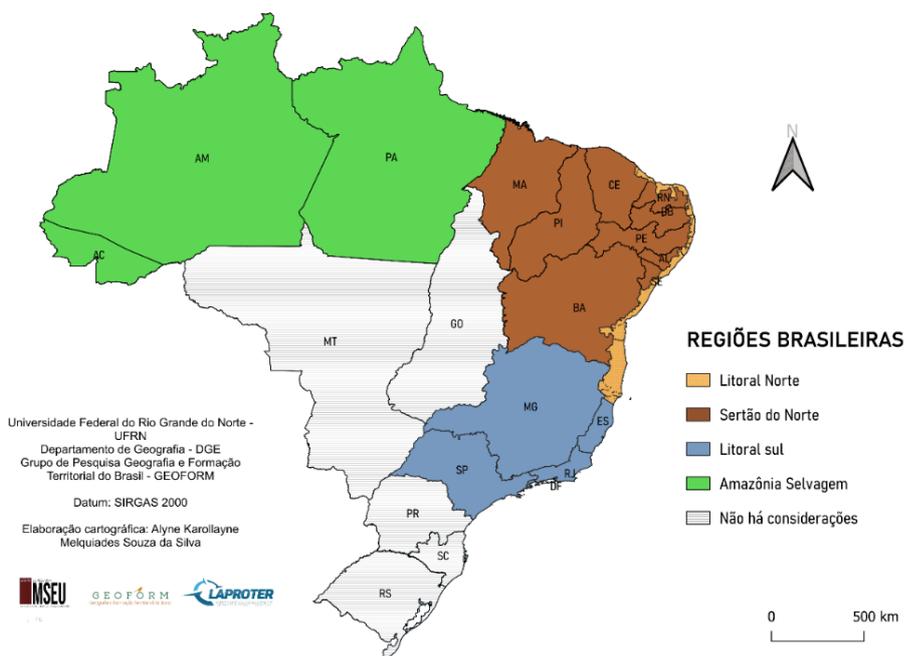


os influxos de uma administração única. [...] capitanias esparsas e incoerentes, jungidas à mesma rotina, amorfas e imóveis, em função estreita dos alvarás da corte remota (CUNHA, 2017, p. 106; grifo dos autores).

Tais colocações permitem uma construção, também, imaginária da nação, possibilitando uma dilatação dos aspectos geográficos mediante a separação socio territorial, tornando o Brasil quando como “uma ficção geográfica” (Cunha, 2017, p.493).

Nesse entendimento, a Figura 03, retrata bem as colocações acima.

Figura 03 – Brasil – Regionalização segundo Euclides da Cunha



Fonte: Cunha, 2017, 2021; **Elaboração:** autores, 2023.

Na Figura 03, tem-se uma visão do Brasil dentro de uma divisão em quatro regiões, sendo elas: Litoral Norte, Sertão do Norte, Amazônia Selvagem e Litoral Sul. Nessa perspectiva, Euclides traz o enfoque para três elementos básicos: a) o tipo de povoamento e sua formação, b) a atividade econômica, c) a visão centro-periferia.

Nessa direção, a Amazônia Selvagem, que compreende o Acre, o Amazonas e o Pará, é vista como uma área com pouca densidade populacional, marcadas por um sistema de economia extrativista e uma fisiografia que possui vastas florestas e rios. Para Euclides, esses habitats são novos, onde “o Acre, ou em geral, as planuras amazônicas cindidas a meio pelo longo sulco do Purus, tem talvez a letalidade vulgaríssima em todos os lugares recém-abertos ao povoamento. Mas consideravelmente reduzida” (Cunha, 2021, p.49).

Essas colocações do autor, mostram não somente a posição de um evolucionista ao ler a formação do território na Amazônia, mas de um poeta que traz a perspectiva de territorialidades em uma terra “infante” e que simboliza o seu afastamento para com o povo que lá habita com o resto do país:

Assombram-no, do mesmo lance, a face desconhecida da paisagem e o quadro daquela sociedade de caboclos titânicos que ali estão construindo um território. Sente-se deslocado no espaço e no tempo; não já fora da pátria, senão arredio da cultura humana, extraviado num recanto da floresta e num desvão obscurecido da História (Cunha, 2021, p.48).

Se faz válido destacar, também, que Euclides aponta que a sua população é um misto entre migrantes vindos do sertão nordestino, de modo que “As gentes que a povoam talham-se pela braveza. Não a cultivam, aformoseando-a: domam-na. O cearense, o paraibano, os sertanejos nortistas, em geral, ali estacionam. [...] Estão amassando o deserto.” (Cunha, 2021, p.48).

Nesta mesma perspectiva, Euclides olha para o Litoral Norte, que abarca as capitâneas litorâneas, e algumas vilas em sua proximidade, como o local das centralidades do Brasil, onde dominam a monocultura açucareira e o coronelismo, refletindo assim a “decadência da metrópole e todos os vícios de uma nacionalidade em decomposição insanável (Cunha, 2017, p.109). O Litoral Norte é constituído por um conjunto de territorialidades que está sempre voltada as concepções externas, sendo incapaz de voltar seu olhar para dentro de si. Desconhecendo a complexidade dos outros territórios, o Litoral Norte é marcado pela manutenção da estrutura interna ainda semelhante a colonial e tendo uma configuração esparsada, devido à distribuição latifundiária, e que apresenta extensos vazios demográficos.

Em contraponto, o Sertão do Norte, na perspectiva euclidiana, abarca o interior dos estados nordestinos, e é delimitado pela influência do regime pecuário que tem origem na extensa zona de criação de gado que margeiam o Rio São Francisco. Este local foi submetido a um insulamento, em razão de suas condições climáticas, orográficas e ecológicas, que foi determinante em sua formação histórico-territorial.

Tal afastamento geográfico implicou em condições sociais, fazendo com que ali emergisse uma população diversa e díspar do que podemos encontrar no litoral, tendo em vista que “ali ficaram, inteiramente divorciados do resto Brasil e do Mundo, murados a leste pela serra Geral, tolhidos no ocidente pelos amplos campos gerais, que se desatam para o Piauí e que ainda hoje o sertanejo acredita sem-fins.” (Cunha, 2017, p.121).

Ainda na Figura 03 é possível observar diversidade ambiental e social dos diversos territórios no Brasil, partir do Litoral Sul. Para Euclides, este se apreende pelos estados de São

Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo. Ao contrário do Norte, este representa a visão moderna da sociedade, é nele que está contido o centro da civilização brasileira, a capital do Rio de Janeiro. Possui uma forte densidade populacional em relação ao restante do país e é o centro da racionalidade nacional, na medida em que se observa os maiores centros institucionais e a maior camada intelectual e letrada.

Tais colocações permitem compreender, dentro de uma perspectiva de linguagem literária e cheia de imagens do território nacional, que o Sertão seria aquela porção do território brasileiro formado por tudo que se configura longe dos moldes determinados pelo progresso. Ou seja, Euclides coloca como sendo uma área distinta do centro difusor da modernidade brasileira, presente no Litoral Sul. Nessa perspectiva, áreas sertanejas abarcam todos os locais extremados, de difícil acesso e com pouca densidade populacional, configurando-se por meio de territorialidades de um regime pecuário, extrativista ou de subsistência.

Assim, o autor coloca seu olhar sobre o Sertão:

Está-se no ponto de tangência de duas sociedades, de todo alheias uma à outra. O vaqueiro encourado emerge da caatinga, rompe entre a casaria desgraciosa, e estaca o campeão junto aos trilhos, em que passam, vertiginosamente, os patrícios do litoral, que não o conhecem. Os novos expedicionários ao atingirem-no perceberam esta transição violenta. Discordância absoluta e radical entre as cidades da costa e as malocas de telha do interior, que desequilibra tanto o ritmo de nosso desenvolvimento evolutivo e perturba deploravelmente a unidade nacional. (Cunha, 2017, p.492; grifo dos autores).

Em contraponto, o Brasil Litoral, com destaque ao Litoral Sul, é o berço da civilização que detém todos os aspectos “iluminados” da modernidade humana. Sua principal referência para isso são as capitais como Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Salvador, ambientes que possuem a maior concentração de pessoas e institutos científicos.

Por fim, apresenta-se no mapa uma área não considerada por Euclides da Cunha em seus escritos, se tomamos em consideração a forma de povoamento, a atividade econômica e a sua concepção de centro-periferia. Esse local é caracterizado em sua narrativa por uma imagem de ausência populacional, quase como um vazio de existência. Mesmo incorporando elementos do quadro geobotânico em sua leitura do Brasil, por meio de uma fisiografia do meio, o escritor não a expõe em sua visão de território quando observa a forma de ocupação do homem no espaço geográfico. Assim, entende-se que tais locais fazem parte dos limites físicos nacionais, porém não estão inseridos na dinâmica social do país.

Desse modo, a interpretação da formação histórico-territorial do Brasil em Euclides da Cunha, e presente nos livros Os Sertões e À Margem da História, perpassava, em certa medida, a concepção de atraso nacional, isso porque, tenta retratar e delinear a realidade, a

partir dos condicionantes singulares da formação e os elementos que impossibilitavam o seu desenvolvimento. Dessa forma, questões como desigualdades regionais, divisão do trabalho, fatores econômicos, questões migratórias, o meio e, principalmente, o distanciamento do poder público e da sociedade litorânea são, em seu entendimento, centrais para entender a estruturação da sociedade no território.

Nessa perspectiva, o olhar fundante do jovem engenheiro demonstra que as diferenças culturais e sociais se manifestam territorialmente, refletindo de forma direta no arranjo espacial brasileiro. Tal caminho interpretativo possibilita, também, uma leitura do Brasil por meio de formas reais e simbólicas.

Mediante um reportório que unia racionalismo e subjetividade, Euclides da Cunha não só valorizou o meio natural, mas trouxe luz aos aspectos sociais que marcavam os territórios no país. Logo, a capacidade de descrição da sociedade, do território e da natureza tropical é um atributo que ganhou forma por meio de simbologias que perpassaram os seus escritos. Euclides da Cunha olha para o Brasil e apresenta uma interpretação que permeou uma leitura do arranjo social e territorial daquele período, onde, a linguagem científica e poética era permeada pela capacidade imaginativa e pela narrativa subjetiva e racional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destacamos que o principal resultado da investigação foi apontar para elementos presentes no discurso euclidiano que foram capazes de construir um pensamento geográfico periférico, o qual parte de um diálogo entre o território, população, meio, raça, Estado e Nação. Em razão disso, nos livros *Os Sertões* como *À margem da história*, observamos uma sapiência possibilitou a construção de um saber geográfico, antes mesmo da institucionalização da Geografia científica no Brasil.

Já que sua produção literária apresenta um diálogo que envolve a leitura da formação histórico espacial do país mediante a análise voltada para as outras realidades do país – fora do eixo Rio e São Paulo. Através disso, Euclides foi capaz de enxergar a causa das desigualdades existentes no nosso arranjo territorial, chegando a constatar que o brasileiro é estrangeiro ainda que esteja pisando em seu próprio solo (Cunha, 2021), em vista que ao se depara com outros quadros, há uma sensação de transporte a um local totalmente desconhecido (Cunha, 2017).

Portanto, válidamos que o escrito permite não só afirmar os parâmetros da lógica da racionalidade científica e da subjetividade poética do autor, e que marcaram o quadro dos



escritos do período, como também mostra a possibilidade de um profícuo debate que abre caminho para pensar como escritos não geográficos também se apresentam com forte arcabouço histórico e espacial, principalmente, por apresentarem as representações do povo e do território do Brasil.

Apresentando, assim, uma oportunidade de avançar nos estudos relacionados na temática de uma “história internalista” (Sousa Neto, 2000) da ciência geográfica. Uma vez que, apesar do processo tardio de institucionalização das ciências sociais no país, é possível afirmar que há uma construção, com base na literatura, de um ideário a respeito da sociedade e o território.

REFERÊNCIAS

- AMORY, F. **Euclides da Cunha: Uma odisséia nos trópicos**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- BERNUCCI, L. M. **A ontologia discursiva de Os sertões**. História, Ciências, Saúde - Manguinhos, 1998.
- CARVALHO, J. M. **As marcas do período**. In: CARVALHO, José Murilo de. (coord.). **A construção nacional (1830-1889)**. 2 v. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012
- CUNHA, E. **Os Sertões: Campanha de Canudos**. São Paulo. Editora Martin Claret, 2017.
- CUNHA, E. **Caderneta de Campo; introdução, notas e comentário Olímpio de Souza**. Rio de Janeiro. Fundação Biblioteca Nacional, 2009.
- CUNHA, E. [Correspondência]. **Destinatário: José Veríssimo**. Lorena, 3 dez. 1902. cartão pessoal.
- CUNHA, E. [Correspondência]. **Destinatário: Araripe Júnior**. Lorena, 27 fev. 1903. cartão pessoal.
- CUNHA, E. Prefácios e críticas. EUCLIDESITE. **Obras de Euclides da Cunha. Discursos e entrevistas**. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://euclidesite.com.br/obras-de-euclides/discursos-e-entrevistas/>. Acesso em: [15 de mai. de 2023].
- CUNHA, E. **Amazônia – Um paraíso perdido**. Organização: Tenório Telles. 3 ed. Manaus: Editora Valer, 2021.
- CUNHA, E. **Na Amazônia** [Entrevista concedida ao] *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 1906.
- DIAS, L. C. S. **O consórcio da ciência e da arte enquanto projeto estético norteador d’Os Sertões, de Euclides da Cunha**. *A Cor Das Letras*, 2009.
- FACIOLI, V. **Os Sertões: consórcio entre ciência e arte**. IN:BERNUCCI, Leopoldo M. (org.). *Discurso, Ciência e Controvérsia em Euclides da Cunha*. São Paulo: Edusp, 2008.
- MORAES, A. C. R. **Ideologias Geográficas: espaço, cultura e política no Brasil**. São Paulo: Ed. Hucitec, 2005.
- VENTURA, R. **Visões do deserto: selva e sertão em Euclides da Cunha**. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, [S.L.], v. 5, n. , p. 133-147, jul. 1998. *FapUNIFESP (SciELO)*. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-59701998000400008>.
- SEVCENKO, N. **Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na**

XV
ENAN
PEGE



ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA EM GEOGRAFIA

Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SOUSA NETO, M. F. **Geografia nos Trópicos: histórias do naufrago de uma jangada de pedras?** Terra Livre. São Paulo, n. 17, 119-138p, 2001.

SOUZA, C. V. **A Pátria Geográfica: Sertão e Litoral no Pensamento Social Brasileiro.** Goiânia: Editora UFG, 1997.